

Posse Academia Brasileira de Filosofia
23/06/2016

Prezados Senhores:

Sinto-me honrada, pela distinção a mim atribuída, ao ter sido eleita membro da Academia Brasileira de Filosofia.

Honrada, também, por compartilhar, nesta cerimônia de minha posse, a outorga do título de Doutor Honoris Causa ao insigne lógico e filósofo da ciência Prof. Evandro Agazzi, Presidente de Honra do Institut Internationale de Philosophie de Paris e Presidente de Honra da Académie Internationale de Philosophie des Sciences, da qual também me orgulho de ser membro, entre os poucos latino-americanos, a única mulher, que dela fazem parte.

Uma emoção muito grande, ter sido saudada pelo Presidente de Honra da ABF, Prof. Newton C. A da Costa, meu mestre e orientador, aqui representado pelo Prof. Moderno.

Newton da Costa soube cristalizar, numa série de cálculos lógicos perfeitamente coerentes, o poder dos raciocínios contraditórios na ciência e na filosofia, cujo valor Heráclito, Hegel, Marx, Wittgenstein e Popper suspeitavam, mas não viram, não chegaram a assumir.

Os cálculos paraconsistentes, criados por da Costa, demonstram matematicamente que contradições, não somente podem ser incorporadas em teorias e contextos racionais que expressam conhecimento, mas que deles se pode tirar o proveito filosófico conjecturado por diversos pensadores.

A obra criativa e inovadora de da Costa e sua inquestionável liderança acadêmica foram fundamentais para a emergência de uma Escola Brasileira de Lógica, internacionalmente reconhecida e da qual faço parte.

Considero-me “filha” acadêmica de Newton da Costa, tenho orgulho de ser sua discípula, hoje sua colaboradora e amiga.

Sinto-me emocionada, por passar a ocupar a Cátedra José Bonifácio de Andrada e Silva, e sucedendo o Prof. Leônidas Hegenberg.

Desde minha infância, tenho profunda admiração por José Bonifácio, uma das mais respeitáveis figuras brasileiras. Por coincidência, resido, em Campinas, em uma Av. José Bonifácio.

LEÔNIDAS HEGENBERG

Não cheguei a ser aluna do Prof. Leônidas Hegenberg, porém tivemos contato acadêmico por diversas vezes. Ele, sempre amável e disposto a colaborar com tudo que os mais jovens lhe propusessem.

Também por coincidência, quando eu era Diretora do Centro de Lógica, E. e H. C., por minha intervenção, a Unicamp adquiriu a Biblioteca do Prof. Leônidas . A Biblioteca do CLE, que é referência no escopo de suas áreas , disponibiliza a seus usuários o acervo Leônidas Hegenberg.

Nas primeiras décadas do século XX, havia no Brasil um lento e crescente contato com a lógica contemporânea, o que se intensificou após a segunda guerra mundial.

O primeiro livro escrito no Brasil, que faz referência à lógica matemática, foi *“As Ideias Fundamentais da Matemática”*, de Amoroso Costa, publicado em 1929.

Uma década mais tarde, em 1940, foi publicado o primeiro trabalho inteiramente dedicado à disciplina, o *“Elementos de Lógica Matemática”*, por Vicente Ferreira da Silva.

Entretanto, estaria reservado ao lógico americano Willard van Orman Quine inaugurar a fase contemporânea da lógica no Brasil, em um curso ministrado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, entre junho e setembro de 1942.

A visita de Quine contribuiu significativamente para o aumento do interesse pela lógica entre estudiosos brasileiros, tendo resultado, 2 anos depois, na publicação,

em Português, do curso , sob o título “*O Sentido da Nova Lógica*”, editado por Vicente Ferreira da Silva.

Outra importante figura , na época, foi o epistemólogo francês Gilles Gaston Granger, que lecionou na Fac. de Fil. Letras e Ccs Humanas da USP, entre 1947 e 1953.

Por essa época, o vigoroso e contínuo desenvolvimento da Lógica brasileira estava por se iniciar.

Nos anos 1950, aparecem os primeiros autores brasileiros que podem ser chamados, propriamente, de lógicos.

Leônidas Hegenberg, após um período na Univ. da Califórnia, Berkeley, em 1962, passou a contribuir decisivamente para a disseminação da lógica, através de artigos, e de uma intensa atividade como professor e tradutor.

Coube a ele liderar, em SP, o que poderíamos chamar de fase instituída da Lógica Simbólica.

Em 1965 Hegenberg publica “*Introdução à Filosofia das Ciências*”, onde é estudado o problema da estrutura lógica das ciências, inaugurando, entre os acadêmicos brasileiros um tema até então pouco discutido.

O interesse pela lógica crescia e, nos anos 1960, diversos livros de lógica elementar foram publicados por L. Hegenberg – seu livro “*Lógica Simbólica*”, publicado em 1966, continua sendo uma referencia para estudos elementares na área.

Hegenberg é importante em nossa história da logica, principalmente pela divulgação da lógica no Brasil.

Leônidas Helmut Baebler Hegenberg nasceu em 14 de março de 1925, em Curitiba. Entre 1925 e 1926, sua família mudou-se para SP.

Iniciou seus estudos em casa, com a mãe e a avó materna. Coursou o antigo Ginásio (Ensino Fundamental) de Estado, onde conheceu Octanny Silveira da Mota, que seria seu grande parceiro na tradução de muitas obras importantes.

Graduou-se em Matemática e Física (1950) na Universidade Mackenzie, Destacam-se, como seus mestres, os professores Abrahão de Moraes e Francisco Antonio Lacaz Neto .

No ano de 1950, leciona no Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA. Ao ser encarregado de ministrar aulas de geometria Analítica, percebe a necessidade de uma melhor fundamentação, o que o levou a estudar os fundamentos da matemática.

E esses, por sua vez, levaram -no ao estudo da teoria de conjuntos e, quase em seguida, à lógica. Ingressou, então, em 1955, como aluno no curso de Filosofia da FFLCH de USP, o qual concluiu em 1958.

Durante o período de 1960 a 1962, recebe uma bolsa da Pan American Union, para estudar como aluno regular na Univ. da California, Berkeley, tendo oportunidade de ter contato com Paul Feyerabend, Alfred Tarski, William Craig e Robert Vaught.

A influência de Feyerabend foi fundamental e permitiu que, de maneira gradual, fosse focando seus estudos em Filosofia da Ciência, área à qual se dedicou por toda sua vida.

Ao voltar ao Brasil, por querer continuar a estudar Lógica, começa a participar dos seminários do grupo liderado pelo Prof. Edison Farah, no IME, USP.

Começa a desenvolver ideias trazidas de Berkeley, o que vai culminar com sua Tese de Doutorado, em 1968, sob a orientação do próprio Prof. Farah, intitulada “*Mudança de Linguagens Formalizadas*”.

O Prof. Hegenberg trabalhou 38 anos (1950 a 1988) no Dep. de Matemática do ITA. Aí organizou a “Revista ITA de Humanidades”, que circulou entre 1965 e 1977, veiculando as principais teses de Filosofia das Ciências discutidas nos USA.

Em 1988, retornou à USP, como Professor convidado.

Foi colaborador e professor visitante em várias instituições do Estado de SP, e no Paraná, e no Departamento de Filosofias e Métodos da Universidade de São João Del Rei, onde lecionou de 2004 a 2007.

Foi um dos críticos do conceito de ciência estruturado pelo positivismo, de larga penetração na cultura luso-brasileira.

Hegenberg aprofunda a investigação sobre ciência e seu papel na cultura, no livro *“Saber de e Saber que, alicerces da racionalidade”*. Obra em que consolida posição de destacado lógico e filósofo da ciência.

Entre suas obras destacam-se vários livros, mais de 50 textos de divulgação em jornais e revistas.

Traduziu mais de 50 obras, em filosofia de ciência, epistemologia e lógica, principalmente junto com seu amigo dos bancos escolares da adolescência, Octanny, Silveira da Mota.

Além de membro da ABF, Cátedra JBAS, Leônidas Hegenberg pertenceu também ao Instituto Brasileiro de Filosofia, tendo sido colaborador atuante da *“Revista Brasileira de Filosofia”*.

Deixou importante legado para a cultura brasileira, falecendo em 28 de novembro de 2012.

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, meu PATRONO

Foi um naturalista e um estadista. É conhecido como o “Patriarca da Independência”, por ter sido uma pessoa decisiva para a Independência do Brasil.

Membro de família aristocrática portuguesa, José Bonifácio nasceu em 13 de junho de 1763, em Santos, no litoral paulista da então Capitania de São Paulo. O pai, Bonifácio José Ribeiro de Andrada, era a segunda fortuna da cidade. E foi seu primeiro mestre, mas em Santos não era possível ir além do (então) ensino primário. Em 1777, José Bonifácio, com 13 anos, mudou-se para SP, com seus irmãos Antonio Carlos e Martim Francisco.

Em SP, frequentou aulas de gramática, francês, lógica, retórica e filosofia. Era o ensino preparatório para o ingresso na universidade de Coimbra, para onde iam os brasileiros com alguns recursos.

Em 1783, tinha 20 anos, quando partiu do Rio de Janeiro para Portugal, tendo iniciado, em 30 de outubro seu curso de

estudos jurídicos, acrescidos, 1 ano mais tarde, dos cursos de matemática e filosofia natural.

Lia muito, e passou a escrever versos – nunca foi bom poeta - , que apelavam para as promessas da independência recém proclamada dos Estados Unidos da América.

Ainda estudante, cuidou de 2 questões por cuja solução em vão se empenharia por toda sua vida: a civilização dos índios, a abolição do tráfico negreiro e a escravidão dos negros no Brasil.

Cedo demonstrou vocação para a pesquisa científica. A exploração de minas conhecia um auge considerável, com o crescimento das necessidades ligadas à revolução industrial. JB concluiu, em Junho de 1787, seu curso de Filosofia Natural e, em Julho de 1788, o de Leis.

Já em março de 1789, foi admitido como membro da Real Academia das Ciências de Lisboa, o que lhe abria os caminhos de uma carreira de cientista. Interessava-se por estudos que resultassem em alguma utilidade, colocando a ciência a serviço do aperfeiçoamento humano.

Foi selecionado, em Fevereiro de 1790, para empreender, às custas do Real Erário, uma excursão científica pela Europa, para aperfeiçoar seu conhecimento de mineralogia.

Em meados de 1790, JB já estava em Paris, na fase inicial da Revolução Francesa. Coursou estudos de Química e Mineralogia, na Escola Real de Minas. Foi eleito sócio-correspondente da Sociedade Filomática de Paris e membro da Sociedade de História Natural, para a qual escreveria uma memória sobre os diamantes no Brasil, desfazendo erros.

Seus biógrafos citam, entre outros, contatos com Lavoisier.

Já não era mais um simples estudante – começava a falar com voz de mestre.

Na Saxônia, a partir de 1792, frequentou, por 2 anos, cursos completos de Orictognosia, Geognosia . Coursou a disciplina de Siderurgia com Gottlob Werner, tendo se tornado amigo de Alexander von Humboldt.

A Escola de Freiberg arcaria sua orientação.

Foi para a Itália. Em Pádua, investigou a constituição geológica dos Montes Eugêneos, tendo escrito a respeito um trabalho em 1794.

Na Suécia e na Noruega, a partir de 1796, deu completo desenvolvimento a seus estudos, tendo caracterizado, em jazidas locais, quatro espécies de minerais novas – entre os quais salientamos a petalita, a criolita e o diópsido – e oito variedades que se incluíam em espécies já conhecidas – a todos esses minerais descreveu pela primeira vez e deu nome.

É considerado o descobridor do lítio – proveniente da Petalita.

Viajou por mais de 10 anos pela Europa, absorto em seus trabalhos científicos e, aos 37 anos, era um cientista conhecido e consagrado, elogiado pelos mestres por onde passara.

Regressou a Portugal em setembro de 1800. Visitara, além dos países citados, a Dinamarca, os Países Baixos, a Hungria, a Inglaterra e a Escócia.

Na Universidade de Coimbra, ocupou a Cátedra de Metalurgia, especialmente criada para ele.

Foi designado para diversas missões, entre elas, nomeado Intendente-Geral das Minas e Metais do Reino, membro do Tribunal de Minas, Diretor das Casas da Moeda, Minas e Bosques de todos os domínios portugueses, e Chefe da Polícia da Cidade do Porto.

eleito Diretor do Real Laboratório da Casa da Moeda de Lisboa.

Entretanto, considerava que pouco, ou nada pode levar a cabo, tendo escrito que tinha de enfrentar a rotina portuguesa, em resistência “ora passiva a qualquer esforço renovador, ora ativa, insidiosa, mal dissimulando sentimentos subalternos de inveja ou despeito.”

Em 1806, escreveu ao conde de Linhares, seu amigo pessoal: “Estou doente, aflito e cansado e não posso com tantos dissabores e desleixos. Logo que acabe meu tempo em Coimbra e obtenha minha jubilação, vou deitar-me aos pés

de S. A. R. para que me deixe acabar o resto de meus cansados dias nos sertões do Brasil, a cultivar o que é meu.”

Em 1808, quando Napoleão invadiu Portugal, JB tornou-se um dos líderes de um movimento clandestino de libertação, o “Corpo Voluntário Acadêmico”. Como militar, chegou ao posto de tenente-coronel, e comandou tropas de infantaria. Quando os franceses se retiraram, retornou às suas funções científicas e se ligou à Maçonaria.

Em 1817, soube da revolução de Pernambuco e da prisão de seu irmão Antonio Carlos.

Na Real Academia, atingira o cargo de Secretário Perpétuo (1812).

Escreveu 2 artigos, em 1815 e 1819, onde a palavra tecnologia é usada, pela primeira vez, na língua portuguesa. Integrou um grupo de intelectuais que partilhava a visão de que o domínio da natureza era capaz de gerar riquezas e que, portanto, necessitava ser conhecido e explorado cientificamente.

Retornou ao Brasil em julho de 1819, com 56 anos. Passara 36 anos na Europa, e a colônia agora era reino unido e a sede da monarquia.

Entretanto, os velhos pecados continuavam, e o principal, a seus olhos, era a escravidão, pois o trabalhador era quase exclusivamente o negro, e a economia se organizara em benefício de uma classe privilegiada.

Apontou imediatamente os pontos necessários a um extenso programa de trabalho, que assumiu de peito aberto: abolição do tráfico, extinção da escravidão, incorporação dos índios à sociedade, miscigenação orientada para suprimir choques de raças e classes e para constituir uma “nação brasileira homogênea”; preservação e renovação das florestas, localização adequada das novas vilas, aproveitamento e distribuição das águas e exploração das minas; mais escolas, criação de uma universidade (deixou projeto preparado).

Já em 1820, JB propunha a transformação do regime de propriedade agrária, com a substituição do latifúndio pela subdivisão de terras – queria a alteração da estrutura

fundiária, com a reintegração ao domínio do poder público das terras improdutivas. Preconizando o fim do latifúndio escravista e da agricultura extensiva, propunha a distribuição de áreas aos reais cultivadores, com a venda de lotes de até 263 hectares ao redor das povoações.

E, pasmem, sugeria a fundação de uma cidade central no interior do Brasil – o que foi efetivado no século XX, por JK, com a criação de Brasília.

JB recusou convites de D. João VI, no Rio de Janeiro. E partiu para SP, pois seu irmão Martim Francisco era Diretor de Minas e Matas da Capitania de SP. Em 1820, com MF, realizou uma Viagem Mineralógica pela Província de SP, trabalho posteriormente publicado em Francês. Seu último trabalho científico.

Iniciaria, então, sua carreira política.

Don João VI embarcara para Portugal a 24 de Abril de 1821, com 4.000 pessoas em sua comitiva. O Banco do Brasil se viu desfalcado de 50.000.000,00 de réis.

Estava por começar a fase decisiva da Independência do Brasil, e nela teria papel preponderante JB.

Era difícil perceber o rumo, no ano de 1821.

Iam-se formando, em todas as províncias, juntas governativas provisórias

Em fins de maio de 1821 chegaram de Lisboa as bases da Constituição, ali promulgada a 10 de Março. A tropa portuguesa obrigou D. Pedro, Príncipe Regente, a princípio relutante, a jurar suas bases.

As medidas tomadas por Lisboa tinham o objetivo de desunir e desarticular o Brasil, Para JB, o maior perigo era o sacrifício da UNIDADE BRASILEIRA. Para ele, chegara a hora das grandes decisões e de uma ação enérgica para que o Brasil não se esfacelasse.

O Governo de SP envia um a carta ao Príncipe em 24/dezembro 1821.

D. Pedro, no início de 1822, já tinha clara consciência do papel que os patriotas brasileiros lhe destinavam, e estava disposto a desempenhá-lo.

No dia 09 de Janeiro de 1822, temos o célebre Dia Do Fico: “Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico.”

JB chegou ao Rio de Janeiro a 17 de Janeiro, na representação paulista. Teve uma reunião imediata com a Princesa D. Leopoldina.

O Príncipe D. Pedro, aos 23 anos, o nomeia JB, aos quase 60 anos, seu Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, o primeiro brasileiro a ocupar um cargo semelhante.

A JB se deve, seguramente, a adesão de D. Pedro ao movimento emancipador do Brasil. E sua orientação foi fundamental para que este se desse sem transbordamentos inúteis, sem choques.

JB queria assegurar a unidade nacional e firmar a solidariedade das províncias.

A 3 de Junho de 1822, foi expedido decreto, em que JB convoca a Assembleia Geral Constituinte e Legislativa.

Em 01 de agosto, D. Pedro é dado como “regente do vaso Império do Brasil, pelo consentimento e espontaneidade dos povos.

E JB, também como Ministro dos Estrangeiros em documento para os demais povos, expunha o legítimo ressentimento por 3 séculos de dominação e avisava ao mundo que os brasileiros não mais admitiriam a volta ao regime anterior.

O príncipe partiu para SP, em 14 agosto, deixando como regente sua mulher, D. Leopoldina de Habsburgo, colaboradora da obra de JB.

No fim de agosto chegaram cartas de PT.

Com cartas de D. Leopoldina, José Bonifácio e de seu irmão Antonio Carlos, parte um emissário para SP.

O que se segue é bem conhecido, e, às 4 e meia da tarde de 7 de setembro de 1822, o Príncipe, num verdadeiro brado, exclamou: “É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal”.

JB, confirmado como Ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros, foi tomando providências no novo governo.

Descreveu as armas e a bandeira brasileira, com se mantiveram até 1889 (República). Criou o tope nacional brasileiro, verde e amarelo, mantido até hoje. Por decreto, concedeu anistia geral para todas as passadas opiniões políticas-excluindo os que se achassem presos e em processo.

Em 12 outubro, D. Pedro foi aclamado Imperador Constitucional do Brasil, em meio a grandes festas.

A apreciação de numerosos historiadores é que, sem JB no governo, a unidade do Império teria sido preservada com dificuldades muito maiores, e o Brasil, dividido e dilacerado, não escaparia provavelmente aos transe do caudilhismo e da tirania militar, e ao derramamento de sangue.

No final de 1823, todas as províncias, inclusive a Província Cisplatina (Uruguai), estavam politicamente integradas no novo império.

Num Brasil com 1 milhão de escravos, numa população inferior a 4 milhões, mal saído da opressão colonial, sem escolas, sem universidades, até 15 anos atrás sem um prelo, um jornal, a Assembleia Constituinte congregava muitos homens de valor, mas todos inexperientes em assuntos de técnica parlamentar e legislativa. JB era anti-escravagista e queria a reforma agrária, já na Constituição – o que lhe granjeou uma oposição violenta dos traficantes de escravos e dos senhores de terras.

Formou-se na Constituinte uma oposição aguerrida a JB. Contava ele, ainda, com a inimizade da Marquesa de Santos, amante concubina do imperador.

O Imperador, sob pressão, decidiu afastar seu ministro e demiti-lo, em 15 Julho de 1823.

Entretanto, JB, o homem público, estava intacto, cheio de interesse pela política e pelo país.

Era ainda Deputado à Constituinte, e continuaria lutando pelo que não lhe agradava. A 1ro de setembro de 1823 foi

lido ao projeto da Constituição, subscrito por JB, com 272 artigos, do qual seu irmão, Antonio Carlos, era o relator e autor principal.

O Projeto era francamente liberal, e criava um poder executivo forte, delegado ao imperador.

Entretanto, a dissolução da Assembleia Constituinte tornou-se inevitável.

JB foi preso em casa, após o golpe da dissolução da Assembleia., pelo Imperador, em 12 Novembro de 1823.

Não haveria nova Constituinte – D Pedro I outorgaria uma Constituição em 12 Março de 1824, uma adaptação do anteprojeto de Antonio Carlos, porém, sem a suspensão da escravidão e sem a já sonhada reforma agrária., com a qual continuamos a sonhar até os dias de hoje.

Condenado ao exílio, JB deixou o Rio de Janeiro em Novembro de 1823. Também foram deportados Martim Francisco e Antonio Carlos, seus irmãos.

Viveria no exílio, com a família – mulher e 3 filhas - em Bordéus, na França, de fato por sua oposição aos desmandos de D. Pedro I

Neste período, com a “solidão do campo”, como escreveu a amigos, renasceu nele o trabalhador intelectual , o homem de estudos.

Só em julho de 1929, após 5 anos e meio, JB regressou ao país. Chegou ao RJ a 23 de julho, carregando o cadáver de sua mulher, morta durante a viagem.

Generoso, perdoava ao que chamava, por vezes, o *Rapazinho*. E D. Pedro o recebeu com alegria.

Mas seus inimigos não o deixavam descansar e, já em março de 1830, foi acusado de estar metido em uma conspiração republicana. Vivia, então, retirado na ilha de Paquetá.

Com a abdicação de Pedro I , em 7 de abril de 1831, JB foi por ele nomeado tutor de seu filho de 5 anos, o futuro D. Pedro II.

O Imperador assinou um decreto, em que nomeava “*tutor dos meus amados e prezados filhos ao muito probo, honrado e*

patriótico cidadão José Bonifácio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo”.

Logo se tornou perseguido. Em 14 Dezembro de 1833, foi suspenso do cargo de tutor, pelo então Ministro da Justiça.

O governo prendeu-o em casa, na ilha de Paquetá.

JB abandonou a vida pública e passou o restante de seus dias em reclusão, em sua casa. Morreu ali perto, em Niterói, aos 75 anos, em 6 Abril 1838.

Em 25 de Abril, seu corpo, embalsamado, e após ter sido velado na Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, foi levado por sua filha, D. Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada, mulher de seu irmão Martim Francisco, para Santos, sua cidade natal, onde foi sepultado, segundo disposição testamentária, na capela-mor da Igreja Nossa senhora do Carmo,

Livro recentemente – COLEÇÃO CLE e EDITORA DA UNICAMP – As Origens da Química no Brasil, Carlos Alberto Filgueiras, 1 belíssimo CAPÍTULO sobre “O cientista e o homem de ação polivalente”. Documentos no Instituto Histórico e Geográfico do RJ.

J B deixou poucos bens. Viveu e morreu pobre, mas deixou uma biblioteca de 6.000 volumes. Sempre recusou honrarias, títulos e pompas, como o título de Marquês de Santos, com que D Pedro quisera agraciá-lo.

Foi Pesquisador, Administrador Científico e Estadista.

Um de seus sucessores como Secretário da Real Academia de Ciências de Lisboa, José Maria Latino Coelho, sobre ele disse, em 1877: *“teve a idolatria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das coroas e a ingratidão dos potentados; a estátua e o exílio.*

JB teve lugar de destaque na Maçonaria do Brasil, como um de seus principais fundadores.

Exerceu o cargo de Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho, a mais alta hierarquia, responsável pelos maiores graus da Ordem Maçônica.

JB Tem muitos trabalhos e livros publicados.

Tem recebido várias homenagens, estátuas em diversas cidades brasileiras e outros países. Cito algumas.

. No Bairro de São Domingos, na cidade de Niterói, a rua onde residiu nos últimos anos de sua vida, recebeu seu nome, Rua José Bonifácio, em sua homenagem

. Em 1868, foi dado o nome de ANDRADITA a um mineral do grupo das granadas, em sua homenagem, pelo mineralogista norte-americano James Dwight Dana.

. O município de Santos instituiu a Medalha e o Diploma de Mérito José Bonifácio.

. O Governo do Estado de SP instituiu a “Semana do Patriarca da Independência”.

. A Universidade de Coimbra deu seu nome a uma das galerias do seu Museu Mineralógico e Geológico.

. Em 1958, a Sociedade Brasileira de Geologia instituiu a Medalha de Ouro “José Bonifácio de Andrada e Silva”, com o objetivo de homenagear profissionais de Geociência, associados da Sociedade, que tenham contribuído para o desenvolvimento e avanço do conhecimento geológico.

. O Senado Federal brasileiro instituiu a Medalha José Bonifácio, em sua homenagem.

. Em 21 de Abril de 2007, seu nome foi inserido no Livro dos Heróis da Pátria, dentre as comemorações do quadragésimo aniversário de Brasília.

. A Marinha brasileira o considera seu fundador e deu seu nome a 3 de suas belonaves.

O Governo Brasileiro instituiu, em 1993, uma Ordem honorífica, a Ordem Nacional do Mérito Científico, que tem JB como patrono, com sua efígie na Medalha outorgada. Desta maneira, o Brasil homenageia, nos cientistas de hoje, do presente, aquele que foi o primeiro cientista brasileiro a granjear renome internacional.

ITALA

Srs, Retorno a meus agradecimentos.

Tenho dedicado minha vida à docência, à investigação em Lógica, Filosofia e História da Ciência; e à minha universidade, a Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, uma jovem universidade brasileira, que completará 50 anos em outubro próximo, e que é hoje considerada entre as melhores universidades do Brasil, da América Latina e do mundo.

Minha mãe perdeu sua mãe antes de completar 3 anos. Porém, soube crescer como uma pessoa que emanava, a seu redor, compreensão, caridade e amor, a toda nossa família e amigos. Foi professora de ensino primário (fundamental), o que exercia com incrível dedicação.

Tinha paixão pelo conhecimento e pelo saber, e nos transmitiu, a minha irmã e a mim, a responsabilidade pelo estudo, pela compreensão humana e por nossa própria felicidade. O mundo e a felicidade, para mamãe, estavam em nós mesmas, estavam dentro de nós.

Meu pai foi um homem de uma incrível dedicação à família. Filho de italianos, com 11 irmãos, transmitiu, em nossa casa, o exemplo de amor sem limites, dedicação e trabalho. Papai

nos ensinava que há apenas 2 tipos de homem- os que têm caráter e os que não o têm.

Creio que minha irmã Ana Maria, hoje docente da USP, e eu logramos herdar as melhores qualidades e exemplos de nossas pais. E procuramos transmiti-los a nossos filhos.

Graduei-me em Matemática e em Música, Desde sempre eu quis conhecer, compreender, saber. E sigo com uma curiosidade insaciável, sempre disposta a aprender e desfrutar.

De minha família, meu marido Roberto, e meus filhos Gabriela, Camila e Fabrício, e, hoje, nora, genro e netos, tenho recebido o apoio, o carinho, o amor e o estímulo para a vida à qual me dedico. E algo muito lindo, deles recebo, mesmo nos momentos mais difíceis, em minhas ausências e minhas falhas, como esposa, mãe e avó, uma compreensão, apoio , e uma certa admiração, que me enriquecem e me fazem crescer, e me fazem sentir que a vida que vivemos vale a pena.

Minhas áreas de trabalho incluem a lógica, os fundamentos da matemática, a história e filosofia da ciência, lógica algébrica, a lógica universal, as lógicas não clássicas, a teoria de sistemas e teoria da auto-organização.

Em especial, tenho me dedicado ao estudo da lógica paraconsistente, cujo desenvolvimento tem originado relevantes problemas filosóficos. Tem aberto importantes áreas de investigação e tem propiciado aplicações à ciência e soluções de questões importantes dos fundamentos da ciência.

Apesar desses domínios distintos do conhecimento, tenho buscado, através de uma abordagem interdisciplinar, uma certa unidade em minha pesquisa acadêmica.

Consciente de meu papel no cenário acadêmico brasileiro e latinoamericano, não me restrinjo ao trabalho filosófico e científico.

De convicções políticas bem delineadas, visionária e preocupada com as questões nacionais, não deixarei jamais de compartilhar meus ideais com meus familiares, filhos e

netos, e com meus estudantes e colegas. Intransigente defensora dos princípios democráticos, reitero sempre nosso compromisso com o Estado de Direito.

A Lógica, à qual me dedico, como a ciência do raciocínio, o estudo da razão, considero-a a mais linda e fundamental das disciplinas. Ela nos privilegia o conhecimento interior e, talvez nos possa garantir a liberdade do espírito na busca pela verdade, através da beleza e do bem, do bom. Talvez nos abra as portas para o retorno ao paraíso, pelo conhecimento da verdade.

O que desejo transmitir e deixar como herança a meus filhos, netos e alunos, a meus amigos, é que tenham gosto pelo conhecimento, pelo saber e pela beleza; que investiguem e ensinem com paixão; que lutem pelo bem e pela justiça; e que amem sua família e sua terra.

Não tenhamos medo de sonhar, de voar, de criar, de transformar os sonhos em realidade e de transformar a vida em um sonho.

Como docente de uma universidade pública, considero que um de nossos maiores desafios é nosso compromisso social, buscando uma sociedade livre e solidária.

Motivada por meu Patrono, o cientista e o estadista José Bonifácio de Andrada e Silva, eu não posso deixar de mencionar, aqui, palavras de uma das figuras mais relevantes e marcantes de nosso tempo, nosso primeiro Papa latino-americano, o papa Francisco (no Encontro Mundial de Movimentos Populares, ocorrido no Vaticano em outubro de 2014):

“Solidariedade é lutar contra as causas estruturais da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, de terra e moradia, a negação dos direitos sociais e laborais ... a solidariedade, entendida em seu sentido mais profundo, é um modo de fazer História”.

Sinto-me honrada e orgulhosa por, a partir de hoje, fazer parte da ABF. Obrigada aos membros da ABF que me

elegeram e aqui me acolhem, nesta linda Casa histórica de Osório, obrigada a nosso Presidente João Ricardo Moderno, por todo o apoio.

Procurarei corresponder à confiança e à responsabilidade a mim atribuídas. E honrarei a memória do Prof. Leônidas Hegenberg.

Agora, face à minha paixão pelo Saber, pela Filosofia e pela Ciência, e face a minha posição política e a meu compromisso com a Nação Brasileira, e com a América Latina, é um grande e especial privilégio, uma grande honra, pessoal e histórica, passar a ocupar a Cátedra José Bonifácio de Andrada e Silva da ABF.

Honrarei a Cátedra José Bonifácio, considerando-me agora corajosa e fiel depositária de seus sonhos e ideais, por uma Identidade Nacional Brasileira, que seja solidária não apenas culturalmente mas também economicamente, e que reflita nossa diversidade geográfica, étnica e cultural.

Sinto que inicio uma nova etapa frutífera de trabalho, em que passarei também a me dedicar e a contribuir com a ABF.

Muito obrigada!